Revista Entre Saberes
CIÊNCIA • EDUCAÇÃO • SOCIEDADE • CULTURA

CRIAÇÃO DE CONCEITOS E CONDIÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS DO SABER: UMA ARTICULAÇÃO ENTRE FOUCAULT, DELEUZE, GUATTARI E A OFICINA DE CONCEITOS DE SILVIO GALLO

CONCEPT CREATION AND THE SOCIO-HISTORICAL CONDITIONS OF KNOWLEDGE: AN ARTICULATION BETWEEN FOUCAULT, DELEUZE, GUATTARI, AND SILVIO GALLO'S CONCEPT WORKSHOP

CREACIÓN DE CONCEPTOS Y CONDICIONES SOCIOHISTÓRICAS DEL SABER: UNA ARTICULACIÓN ENTRE FOUCAULT, DELEUZE, GUATTARI Y EL TALLER DE CONCEPTOS DE SILVIO GALLO

Jaime Soares Seivald
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas (PPGCH) da Universidade Federal do Pampa. ORCID: https://orcid.org/0009-0004-3114-301X. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8701028974014937. E-mail: jaimeseivald97@gmail.com.

Ewerton da Silva Ferreira
Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal do Pampa. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7588-0338. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4355005846557027. E-mail: ewertonferreira@ceeinter.com.br.

Resumo: O texto propõe uma reflexão sobre a criação de conceitos e as condições históricas e sociais que estruturam o conhecimento. Para isso, articula três perspectivas centrais: Deleuze e Guattari, que compreendem a filosofia como atividade de criação conceitual; Silvio Gallo, por meio da proposta pedagógica da "oficina de conceitos"; e Michel Foucault, a partir da noção de epistemes e das condições históricas que tornam determinados saberes possíveis. O ensaio parte da crítica à ideia de que o conhecimento se desenvolve de modo linear e cumulativo, enfatizando as rupturas, descontinuidades e a dimensão inventiva do pensamento. Para ampliar o debate, aproxima essas concepções de autores clássicos da epistemologia e das ciências sociais, como Kuhn, Popper, Durkheim, Weber, Bachelard e Bourdieu, destacando conceitos como paradigma, falseabilidade, obstáculos epistemológicos, ruptura e vigilância epistemológica. Assim, o trabalho busca compreender a produção do saber como resultado da articulação entre criação conceitual, contexto histórico e rigor crítico.

Palavras-chave: Criação de conceitos; Episteme; Filosofia; Oficina de conceitos; Saber; Ruptura epistemológica.

Abstract: This text proposes a reflection on the creation of concepts and the historical and social conditions that structure knowledge. To this end, it articulates three central perspectives: Deleuze and Guattari, who understand philosophy as an activity of conceptual creation; Silvio Gallo, through his pedagogical proposal of the "concept workshop"; and Michel Foucault, based on the notion of epistemes and the historical conditions that make certain forms of knowledge possible. The essay begins with a critique of the idea that knowledge develops in a linear and cumulative manner, emphasizing ruptures, discontinuities, and the inventive dimension of thought. To broaden the discussion, these perspectives are brought into dialogue with classical authors in epistemology and the social sciences, such as Kuhn, Popper, Durkheim, Weber, Bachelard, and Bourdieu, highlighting concepts such as paradigm, falsifiability, epistemological obstacles, rupture, and epistemological vigilance. Thus, the study seeks to understand the production of knowledge as the result of the articulation between conceptual creation, historical context, and critical rigor.

Keywords: Concept creation; Episteme; Philosophy; Concept workshop; Knowledge; Epistemological rupture.

Resumen: El texto propone una reflexión sobre la creación de conceptos y las condiciones históricas y sociales que estructuran el conocimiento. Para ello, articula tres perspectivas centrales: Deleuze y Guattari, quienes comprenden la filosofía como una actividad de creación conceptual; Silvio Gallo, a través de su propuesta pedagógica del "taller de conceptos"; y Michel Foucault, a partir de la noción de epistemes y de las condiciones históricas que hacen posibles determinados saberes. El ensayo parte de la crítica a la idea de que el conocimiento se desarrolla de manera lineal y acumulativa, enfatizando las rupturas, las discontinuidades y la dimensión inventiva del pensamiento. Para ampliar el debate, aproxima estas concepciones a autores clásicos de la epistemología y de las ciencias sociales, como Kuhn, Popper, Durkheim, Weber, Bachelard y Bourdieu, destacando conceptos como paradigma, falsabilidad, obstáculos epistemológicos, ruptura y vigilancia epistemológica. De este modo, el trabajo busca comprender la producción del saber como resultado de la articulación entre creación conceptual, contexto histórico y rigor crítico.

Palabras clave: Creación de conceptos; Episteme; Filosofía; Taller de conceptos; Saber; Ruptura epistemológica.

INTRODUÇÃO

Como a mente humana consegue elaborar, por conta própria, os objetos de sua própria reflexão? E de que maneira o saber acaba se organizando na engrenagem do tempo? Essas indagações, atreladas ao desafio prático de inventar conceitos puramente filosóficos, formam um ponto de tensão central que esbarra em diversas correntes da filosofia ocidental contemporânea. É a partir desse impasse que o presente texto constrói a sua base. A proposta do ensaio é costurar um diálogo crítico entre três horizontes teóricos.

O primeiro deles é a visão de Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a filosofia uma disciplina necessariamente voltada à criação conceitual. O segundo envolve a dinâmica pedagógica formulada por Silvio Gallo, centrada na sua "oficina de conceitos". Por fim, para amarrar o debate, recorre-se à investigação de Michel Foucault a respeito das epistemes, mapeando os alicerces sociais e históricos que, no fim das contas, viabilizam a existência de qualquer campo de saber.

A escolha dessa tríade teórica não foi um mero capricho. Apesar de operarem em registros analíticos bem distintos, esses autores convergem em um ponto inegociável: a recusa frontal de que o saber se constrói de maneira linear ou puramente cumulativa. O foco, aqui, recai sobre a descontinuidade. Interessa-nos o peso da história e a força inventiva inerente ao ato de pensar. Contudo, para dar corpo a essa leitura e extrair o máximo das fricções possíveis, o ensaio decide expandir o seu escopo. Colocamos essas visões contemporâneas em choque direto com marcos clássicos da epistemologia e das ciências sociais. É nesse cenário de tensões que acionamos as noções de paradigma de Thomas Kuhn e o rigor da falseabilidade popperiana. Para ampliar o contraste metodológico, o debate absorve também o rigor de Durkheim e os tipos ideais de Weber. Para amarrar essa reflexão, nos apoiamos em Bachelard e Bourdieu. Em especial, na forma como ambos nos lembram de superar os obstáculos, aceitar as rupturas e manter a rigorosa vigilância epistemológica.

A FILOSOFIA DA CRIAÇÃO DE CONCEITOS EM DELEUZE E GUATTARI

Em O que é a Filosofia? (1991), Gilles Deleuze e Félix Guattari respondem à pergunta central do livro de forma bem categórica: a filosofia é a disciplina voltada para a criação de conceitos (Deleuze; Guattari, 1992, p. 13). Com isso, eles quebram a expectativa de duas visões muito tradicionais da área. Primeiro, descartam a postura contemplativa, focada em descobrir "verdades eternas". Depois, rejeitam a visão puramente reflexiva, que limita a

filosofia a apenas meditar sobre os produtos da ciência e da cultura. Para os autores, o conceito não é algo que se acha no mundo ou se atinge pela reflexão; ele é uma invenção ativa.

Para esses autores, o conceito não é uma entidade amorfa. Ele carrega propriedades muito precisas, a começar pela sua "assinatura". Toda engrenagem conceitual remete ao filósofo que a desenhou ou, no mínimo, ao contexto histórico que a tornou viável. Além disso, fuja da ideia de um bloco indivisível: os conceitos são, por excelência, multiplicidade, que funcionam como arranjos de traços heterogêneos que acabam se aglutinando em uma zona de indiscernibilidade. Mas nada disso paira no vazio. A existência de um conceito é visceralmente atrelada a um plano de imanência. Este plano não atua como mais um conceito na estante, mas sim como o chão pré-filosófico que sustenta toda a empreitada, uma espécie de imagem do pensamento, a atmosfera ruidosa que delimita quais problemas sequer podem ser imaginados.

E por falar em problema, eis o motor da criação. Ninguém forja conceitos por esporte ou de forma aleatória; a invenção surge como uma resposta inescapável a uma encruzilhada. Deleuze e Guattari não deixam margem para dúvida: conceitos não estão soltos na natureza, debaixo de pedras, aguardando um descobridor iluminado. Eles precisam ser fabricados. Se não há uma questão genuína pulsando, o que sobra é mero reconhecimento, o pensamento dogmático operando no piloto automático apenas para confirmar o que já era sabido. Filosofar, no sentido forte do termo, é uma aventura de risco. Significa experimentar, implodir as imagens estabelecidas para então parir novos modos de ver e sentir.

Nesse ponto, separar a filosofia das esferas da ciência e da arte torna-se vital, por mais que os três domínios vivam se cruzando. A mecânica de cada um é inconfundível. Enquanto o cientista opera amarrado ao plano de referência (extraindo dali funções e prospectos), o artista mergulha no plano de composição para esculpir perceptos e afetos. Ao filósofo, por sua vez, cabe o plano de imanência e a lapidação conceitual. Não há, nessa cartografia rigorosa, qualquer tentativa de estabelecer uma hierarquia entre os saberes. O que vigora é, pura e simplesmente, uma diferença radical de ofício e de natureza. A filosofia não serve à ciência, nem a ciência fundamente a filosofia: cada uma tem sua maneira própria de responder ao caos, de o enfrentar e de produzir consistência a partir dele (Deleuze; Guattari, 1992, p. 44–45).

OFICINA DE CONCEITOS DE SILVIO GALLO

Silvio Gallo, filósofo da educação e pesquisador de filosofia para crianças e jovens no Brasil, apropriou-se da proposta deleuziana para construir uma pedagogia filosófica que denominou oficina de conceitos. A proposta parte da ideia de que ensinar filosofia não é transmitir a história das ideias filosóficas, mas criar as condições para que estudantes experimentem o gesto filosófico fundamental: a criação (Gallo, 2012).

Para Gallo, a oficina não opera como uma cartilha estática, mas como um campo de forças atravessado por instâncias simultâneas. O gatilho inicial é a sensibilização. Trata-se, no fundo, do cultivo de um incômodo, um estranhamento afetivo proposital. Quando essa inquietação ganha contornos mais nítidos, irrompe a problematização, a lapidação rigorosa da dúvida até que ela atinja a dignidade de um problema filosófico genuíno. Só então a investigação faz sentido. Não como uma caça a respostas engavetadas, mas como um

mergulho tático no acervo da história da filosofia em busca de ferramentas operatórias. O ápice desse trajeto? A conceituação. É nesse instante que o aluno abandona a postura de espectador e assume o risco radical da autoria. Vale o lembrete, contudo, de que não estamos diante de uma linha de montagem industrial; na vivência de sala de aula, essas esferas se devoram e se retroalimentam o tempo todo.

Essa engrenagem vai muito além de um mero truque didático. A sua força reside, justamente, no rigor com que encarna a ontologia de Deleuze e Guattari. O que brota das mãos dos estudantes na oficina é um conceito com peso e textura: ele possui componentes, responde a uma urgência e respira em um plano de imanência. Sob essa ótica, ensinar filosofia deixa de ser a transmissão burocrática de um arquivo morto. Passa a ser a arte de fabricar problemas e inaugurar territórios de sentido.

Inevitavelmente, desestabilizar essa recepção passiva obriga a repensar a própria teia entre saber e poder. Ao exigir do aluno o ato de conceituar, a oficina implode a engrenagem da mera reprodução cultural, aquela mesma domesticação escolar que Bourdieu e Passeron tão bem denunciaram sob a alcunha de violência simbólica. Ao recusar esse papel de repasse, instaurando o problema como motor, forja-se uma relação intelectual ativa e turbulenta. É exatamente essa turbulência propositiva que, como veremos adiante, prepara o terreno metodológico para compreendermos as grandes fraturas e descontinuidades que Foucault diagnostica no chão histórico dos saberes.

FOUCAULT E AS EPISTEMES: O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO NA FORMAÇÃO DOS SABERES

Em obras As palavras e as coisas (1966) e A arqueologia do saber (1969), Michel Foucault busca entender como os discursos científicos se tornaram possíveis em diferentes momentos históricos. O coração dessa análise é o conceito de episteme. Para o autor, o termo não se resume a um simples "paradigma" ou à teoria científica da moda. Na verdade, trata-se do conjunto das relações que, em uma época dada, unem as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências e eventualmente a sistemas formalizados (Foucault, 2008, p. 214).

Para Foucault, a episteme passa longe de ser uma mera "visão de mundo" ou uma espécie de consciência coletiva pairando sobre uma época. Trata-se de algo mais estrutural: uma matriz de ordenação do saber. É ela quem dita, no rigor de um recorte histórico, o que tem permissão para ser dito, visto ou sequer imaginado. Funciona, portanto, como um a priori histórico, uma regra invisível que viabiliza o nascimento e a circulação dos discursos. Mas é preciso cautela para não resvalar no vocabulário kantiano. Se Kant voltava suas baterias para as condições universais e absolutas de todo e qualquer conhecimento, o projeto foucaultiano caminha na direção oposta. O foco aqui recai sobre a contingência. O que Foucault escava são justamente as engrenagens provisórias e mutáveis que autorizam o surgimento de verdades específicas em períodos muito particulares.

Em sua obra capital, As palavras e as coisas (2000), Foucault fragmenta o Ocidente em três grandes recortes epistêmicos: o Renascimento, a Idade Clássica (séculos XVII e XVIII) e a Modernidade (do século XIX em diante). A advertência é clara: cada uma dessas eras ergue a sua própria arquitetura cognitiva de forma quase incomunicável. Na aurora renascentista, por

exemplo, o pêndulo gravitava em torno da semelhança. Conhecer era, basicamente, ler o mundo como um pergaminho de signos espelhados por Deus. Mas o período Clássico desmanchou essa lógica. Ao substituir a magia das analogias pelo rigor cego da ordem, o intelecto ocidental passou a operar como uma máquina de representar e enquadrar a realidade em tabelas de identidade. O cenário sofre um novo e decisivo abalo na Modernidade, quando o pensamento mergulha na espessura invisível da vida, do trabalho e da linguagem. É só nesse momento, aliás, que emerge a figura do "homem" (não como uma essência eternal), mas como uma invenção histórica recente, dividindo-se na insólita condição de sujeito que conhece e, ao mesmo tempo, objeto esquadrinhado.

Contudo, o traço mais subversivo dessa arqueologia não reside na descrição de cada época em si, e sim no abismo que o autor cava entre elas. Esqueça qualquer ilusão de progresso harmonioso ou de acúmulo gradual de sabedoria. A regra da história, para Foucault, é a descontinuidade radical. Longe de uma evolução serena, o que testemunhamos é uma sucessão de fraturas tectônicas e deslocamentos bruscos que, a cada virada de chave, reorganizam do zero a teia que liga as palavras às coisas, (a vida, o trabalho, a linguagem) emerge como objeto de saber, e o homem aparece como sujeito e objeto do conhecimento ao mesmo tempo (Foucault, 2000).

O que é mais provocador nessa análise é a afirmação da descontinuidade radical entre as epistemes. Não há evolução progressiva de um período ao outro: há rupturas, deslocamentos, reorganizações completas das relações entre as palavras e as coisas. Foucault escreve:

> Em toda cultura entre uma ordem e outra, entre uma positividade e outra, há uma experiência nua da ordem e de seus modos de ser. [...] A cultura experimenta aí uma zona intermediária e obscura em que não cessa de agir, ainda que inconsciente de seu próprio modo de ser (Foucault, 2000, p. 112).

O impacto dessa descontinuidade na metodologia é drástico. Afinal, se o conhecimento não avança em linha reta, cai por terra qualquer ilusão de escrever a história das ciências como uma marcha triunfal rumo à verdade. O que se exige, em contrapartida, é um esforço de mapeamento topográfico. Precisamos escavar as condições exatas que permitem a um objeto ganhar visibilidade no campo do saber. Trata-se de investigar como algumas falas adquirem o peso de enunciados (sejam eles julgados falsos ou verdadeiros) e de que maneira, no interior desse mesmo jogo, forjam-se as subjetividades aptas a assumir a posição de quem conhece.

É nas páginas de A arqueologia do saber que o filósofo francês amarra as pontas e sistematiza essa abordagem. Ali, o conceito de formação discursiva entra em cena para dar conta da poeira de enunciados espalhados por um domínio científico. Longe de ser um mero aglomerado, essa formação opera como uma rigorosa malha normativa. É ela quem dita a gênese dos objetos, os modos possíveis de se enunciar algo, o maquinário conceitual e, no limite, as próprias estratégias teóricas que mantêm o discurso de pé.

Essa quebra de continuidade traz um impacto direto na metodologia. Como o conhecimento não avança em uma linha reta, a história da ciência deixa de ser vista como uma

marcha contínua rumo à verdade. Em vez disso, o foco passa a ser outro: descrever o contexto que permitiu que certas coisas virassem alvos de estudo, que afirmações fossem julgadas como certas ou erradas, e como surgiram os sujeitos do conhecimento. Nesse sentido, a arqueologia não tenta caçar mensagens escondidas nos discursos ou descobrir quem os inventou; seu papel é mapear as regras e padrões que permitiram a existência deles (Foucault, 2008).

O projeto genealógico, desenvolvido a partir de Vigiar e punir (1975) e da História da sexualidade (1976), desdobra e desloca a arqueologia. A virada genealógica amarra, de forma definitiva, o saber ao poder. É o fim da ilusão da neutralidade. Todo conhecimento está impregnado por relações de força, da mesma maneira que qualquer exercício de poder acaba, invariavelmente, fabricando a sua própria cota de verdades. O hífen no conceito de "saber-poder" não é um mero enfeite gramatical. Ele atua para implodir duas tradições teóricas de uma só vez: recusa tanto o idealismo crente de que os discursos brotam imaculados da consciência humana, quanto o determinismo que enxerga o saber como um reflexo mecânico da infraestrutura econômica. Na realidade prática, os saberes materializam-se em ações, sejam elas ancoradas na linguagem ou não, que rasgam o tecido social, gerando efeitos de dominação e forjando as nossas subjetividades.

Esse deslocamento rumo à genealogia passa longe de abandonar a antiga busca pelas condições de possibilidade do discurso. O que Foucault faz é jogá-la em um caldeirão histórico muito mais denso e radical. A matriz deixa de ser puramente epistêmica. Agora, as engrenagens que autorizam o saber esbarram na política, no peso das instituições e, de forma contundente, no controle sobre os corpos. A bússola da pesquisa muda de direção. Se a arqueologia se contentava em perguntar "o que é permitido dizer?", o genealogista exige respostas bem mais espinhosas. Quem detém a autoridade para falar? A partir de qual púlpito ou trincheira? Sob quais pressões e com que tipo de impacto real?

DIÁLOGOS ENTRE FOUCAULT E A CRIAÇÃO DE CONCEITOS

A aproximação entre Foucault e Deleuze não é forçada: os dois pensadores mantiveram ao longo de suas vidas um diálogo intenso, documentado em textos como os prefácios que Foucault escreveu para obras de Deleuze e no célebre artigo-entrevista Os intelectuais e o poder (Deleuze; Foucault, 1979), mas a afinidade que aqui nos interessa é de ordem filosófica, não apenas biográfica.

Sob a lente de Deleuze e Guattari, a episteme foucaultiana ganha contornos de um verdadeiro plano de imanência, só que historicamente datado. Pensemos bem: o que é esse plano senão a imagem do pensamento que ancora toda uma época? É aquele solo áspero, estritamente pré-filosófico, que dita as regras do jogo, definindo quais problemas têm permissão para emergir e quais conceitos sequer podem ser sonhados. O plano não é o conceito, assim como a episteme não é o saber em si. Ambos operam nos bastidores. São eles que fornecem a condição absoluta de possibilidade para que a maquinaria do intelecto funcione.

Tal homologia estrutural cobra o seu preço metodológico. É evidente que a criação conceitual exigida por Deleuze jamais flutua em um vácuo asséptico. Ela aterrissa em um terreno contingente e altamente mutável. Logo, parir um conceito genuinamente inédito

significa, na prática, rasgar o plano de imanência vigente ou, no mínimo, forçar novas rotas de fuga em seu interior. A própria história da filosofia atesta isso. As grandes revoluções do pensamento coincidem, com os momentos em que as condições de possibilidade do saber foram viradas do avesso.

Avançando nessa leitura, as descontinuidades epistêmicas de Foucault revelam-se o antídoto perfeito para aquilo que Deleuze batizou de "imagem dogmática". Essa imagem é a preguiça institucionalizada: a crença ingênua de que pensar é apenas reconhecer o familiar, e de que a verdade aguarda pacificamente por um sujeito de boa vontade. Foucault prova, com os arquivos da história em mãos, que a chave vira justamente quando essa paz é implodida. As mutações do saber estouram apenas quando a evidência perde a validade, e aquilo que repousava tranquilamente na "ordem das coisas" torna-se um incômodo insuportável.

Toda essa teia deságua na recusa visceral das "filosofias de Estado", aquelas que insistem em tratar a inteligência como posse de um sujeito soberano. Se para Foucault é impossível desatar o saber das garras do poder, para Deleuze é impensável um conceito sem o chão que o sustenta. O recado de ambos é uníssono: o pensamento é invariavelmente engajado, sempre inscrito em práticas e forjado em um campo magnético de forças.

É na esteira desse vendaval teórico que a oficina de conceitos de Silvio Gallo encontra sua verdadeira vocação pedagógica. Ao eleger o problema como a grande fagulha da criação, o método arranca o aluno da neutralidade e o joga na superfície ruidosa do plano de imanência. Fica impossível sustentar a ilusão do "ponto zero" histórico, cultural ou institucional. Quando a oficina aciona a sua etapa inicial de sensibilização, o que ocorre não é uma mera dinâmica de classe, mas um choque vital: é o instante exato em que o estudante colide com a episteme que enquadra a sua própria experiência, percebendo suas fronteiras, finalmente começa a problematizá-las.

A noção foucaultiana de episteme pode ser lida, à luz de Deleuze e Guattari, como um plano de imanência historicamente determinado. O plano de imanência, segundo Deleuze e Guattari, é a imagem do pensamento que uma época sustenta, o solo pré-filosófico que define quais problemas podem ser formulados, quais conceitos podem ser criados e quais linhas de pensamento podem ser traçadas. Ele não é um conceito, mas a condição de possibilidade dos conceitos. Da mesma forma, a episteme não é um saber, mas a condição de possibilidade dos saberes em uma época. Essa homologia estrutural tem consequências importantes.

Em primeiro lugar, ela sugere que a criação de conceitos não ocorre em um vácuo histórico, mas sempre em um plano de imanência que é ele mesmo histórico, contingente, transformável. Um conceito genuinamente novo implica, portanto, uma transformação do plano ou pelo menos a abertura de novas linhas no interior do plano. É o que a história da filosofia demonstra: os grandes momentos de criação filosófica são também momentos de reconfiguração das condições de possibilidade do pensamento.

Em segundo lugar, a descontinuidade das epistemes em Foucault corresponde ao que Deleuze chama de imagem dogmática do pensamento e à necessidade de superá-la. A imagem dogmática supõe que pensar é reconhecer o familiar, que a verdade está dada à disposição de um sujeito de boa vontade, que os problemas são simples obstáculos a serem resolvidos. Foucault mostra, historicamente, que as grandes transformações do saber

ocorrem precisamente quando essa imagem é perturbada, quando o que parecia evidente deixa de sê-lo, quando o que estava na ordem das coisas torna-se problemático.

Em terceiro lugar, a análise foucaultiana das relações saber-poder ressoa com a crítica deleuziana às filosofias do Estado, isto é, às filosofias que pensam o conceito como propriedade de um sujeito soberano. Para Foucault, não há saber sem relações de poder que o constituam; para Deleuze, não há conceito sem um plano de imanência que o sustente. Em ambos os casos, o pensamento é sempre situado, sempre inscrito em práticas, sempre produzido em um campo de forças.

A oficina de conceitos de Silvio Gallo articula essas duas perspectivas no âmbito pedagógico. Ao fazer do problema o motor da criação, a oficina convida os estudantes a habitarem a superfície do plano de imanência a perceberem que o pensamento não começa de um ponto zero de neutralidade, mas sempre já inscrito em condições históricas, culturais e institucionais que o precedem e o condicionam. A sensibilização inicial da oficina pode ser lida como o momento em que o estudante entra em contato com a episteme que organiza sua experiência e começa a problematizá-la.

ARTICULAÇÕES COM OS DEMAIS CAMPOS EPISTEMOLÓGICOS

Abordar os demais marcos epistemológicos não é um exercício aleatório; essa justaposição funciona como um jogo de espelhos que revela a verdadeira voltagem da articulação entre Foucault, Deleuze-Guattari e Gallo. Pensemos, inicialmente, na noção de paradigma de Thomas Kuhn (2013). Há um flerte evidente com a episteme foucaultiana, pois ambos recusam a linearidade científica em favor de rupturas bruscas: as famosas revoluções. Mas existe um abismo entre eles. O paradigma kuhniano opera em cativeiro: é um fenômeno interno à ciência normal, ditando as regras de uma comunidade até que as anomalias o soterrem. A episteme de Foucault, por sua vez, é muito mais voraz. Ela não se restringe aos laboratórios; ela dita as condições de possibilidade de qualquer saber em uma época, seja ele científico ou não. Enquanto Kuhn olha para os critérios internos dos cientistas, Foucault joga as transformações cognitivas no escopo das relações de poder e das práticas sociais.

Em Gaston Bachelard (1996), contudo, que encontramos a ponte mais sólida para o pensamento deleuziano. O raciocínio bachelardiano de que a ciência só avança espancando o senso comum (os chamados obstáculos epistemológicos) é a própria essência da ruptura. Para Deleuze, isso atende pelo nome de criação: o exato segundo em que a mente abandona a preguiça da recognição e forja o novo. O conceito filosófico não está escondido esperando ser descoberto; ele é inventado na base do embate.

Esse espírito polêmico reverbera na tríade ruptura-construção-constatação, maquinada por Bachelard, lapidada por Bourdieu, Passeron e Chamboredon (1999) e convertida em método por Quivy e Campenhoudt (2005). Se olharmos de perto, essa tríade é o esqueleto analítico da oficina de conceitos. Nesse espelhamento, a ruptura encarna a própria problematização (quando a obviedade é suspensa). A construção engloba o garimpo investigativo e a feitura do conceito. Por fim, a constatação atua como o teste de fogo desse maquinário no plano empírico.

E a costura vai além. A exigência de uma "vigilância epistemológica" (Bourdieu; Passeron; Chamboredon, 1999) é a tradução sociológica daquilo que Deleuze e Guattari

chamam de dar consistência ao plano de imanência. Não basta inventar conceitos ao vento; é preciso rastrear quem os financia, quais poderes os atravessam e que interesses escusos os desenham. Foucault deu um nome afiado a essa vigilância: genealogia.

Na outra ponta do espectro teórico, figuram abordagens que soam radicalmente estranhas a esse projeto. A falseabilidade de Karl Popper (1975), por exemplo, com sua obsessão verificacionista, ocupa um lugar meramente periférico aqui. Conceitos deleuzianos não são hipóteses testáveis; são armas de intervenção. Foucault tampouco se importa se uma teoria é verdadeira ou falsa, mas sim com os mecanismos que a autorizam a discursar como verdade.

O polo de maior repulsão, no entanto, é o positivismo de Émile Durkheim. O seu As regras do método sociológico (2007) defende o expurgo da subjetividade e o tratamento dos fatos como coisas dadas. Essa é, sem tirar nem pôr, a imagem dogmática do pensamento que a nossa tríade quer destruir. Afinal, loucura, crime e sexualidade nunca foram "coisas dadas"; são invenções históricas. No meio desse fogo cruzado, talvez os tipos ideais de Max Weber (2001) ocupem um curioso terreno intermediário. Por serem modelos artificiais forjados pelo cientista para ler a história, guardam certa semelhança com a operatividade da invenção conceitual. A diferença fatal é que a tipologia weberiana ainda persegue uma objetividade que, para a genealogia foucaultiana, jamais passou de uma ilusão fabricada pelo poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trajeto percorrido até aqui amarra três pontas teóricas que, à primeira vista, poderiam soar distantes. Deleuze e Guattari, Silvio Gallo e Michel Foucault não dividem exatamente o mesmo vocabulário, mas comungam de uma urgência inegociável: a ideia de que o pensamento jamais funciona como um espelho. Longe de operar como um mero decifrador de verdades preexistentes ou de espelhar o mundo com apatia, o intelecto repele o conforto do modelo representacional. Na prática, o que se tem é uma engrenagem ativa, um maquinário voraz que não decalca a realidade, mas a instaura. A criação conceitual, a dinâmica das oficinas escolares e a arqueologia das epistemes se encontram justamente nessa trincheira. Juntas, elas implodem a paz do mero reconhecimento para afirmar o ato de pensar como pura experimentação, invenção e fratura.

Nesse cenário, a lente foucaultiana revelou-se um trunfo estratégico. Longe de ser um pano de fundo inerte, a episteme atua como o a priori histórico que dita as regras do jogo cognitivo. É ela quem desenha as fronteiras estritas do que pode ser problematizado em uma época. E é justamente quando essa engrenagem range e se reconfigura que novos fôlegos criativos se tornam possíveis. De forma análoga, o plano de imanência deleuziano também sofre seus abalos tectônicos; forjar um conceito genuinamente inédito significa, no limite, reescrever as coordenadas desse chão histórico, forçando o alargamento do que era permitido dizer ou sentir.

É exatamente aqui que a sala de aula abandona o tédio da repetição. A oficina de conceitos arquitetada por Gallo tira todas essas exigências filosóficas do mundo das ideias e as aterra na prática. Ao intimar o estudante a fabricar os seus próprios conceitos para desarmar problemas reais, o método transcende o objetivo burocrático de "ensinar filosofia". O que se ensina ali é a coragem de habitar a imanência. O aluno é provocado a enxergar as

grades epistêmicas que moldam a sua própria cabeça para, então, exercitar a única liberdade autêntica que nos resta: aquela que, embora espremida e parcialmente condicionada pela história, permite que pensemos de outro modo.

Quanto aos outros gigantes epistemológicos convocados ao longo do ensaio, eles serviram como balizas fundamentais de contraste e afinidade. Se, por um lado, o positivismo asséptico de Durkheim representou a antítese perfeita do que defendemos, por outro, Bachelard nos presenteou com o antídoto da rupture, cuja tríade reverbera silenciosamente nas próprias engrenagens da oficina de Gallo. Esse exercício de cartografia teórica não foi um mero preciosismo erudito. Ele serviu para mapear, palmo a palmo, o terreno pantanoso onde a invenção conceitual tenta se erguer, provando que subverter o senso comum é uma tarefa ardilosa.

Para encerrar, vale uma confissão metodológica. O próprio esforço deste ensaio, essa tentativa deliberada de costurar saberes dispersos, de provocar curtos-circuitos entre a filosofia francesa contemporânea e o chão da escolar é em si mesmo, um gesto de feição profundamente deleuziana. A nossa aposta foi forjar uma conexão que não estava dada, respondendo a uma inquietação genuína. Habitamos um problema, tensionamos o plano e, com alguma sorte, lapidamos uma lente capaz de fazer o leitor encarar o pensamento não como um arquivo morto, mas como uma potência de transformação imediata.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento.** Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão de sociólogo:** preliminares epistemológicas. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles; FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 69–78.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 5.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GALLO, Silvio. As múltiplas dimensões do aprender. In: CONGRESSO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA, 1., 2012, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, 2012.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia:** uma didática para o ensino médio. Campinas: Papirus, 2012.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber.** 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1975.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais.** Tradução de João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho. 4. ed. Lisboa: Gradiva, 2005.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (org.). **Max Weber: sociologia.** Tradução de Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 2001. p. 79–127.

INFORMAÇÕES RELEVANTES E DECLARAÇÕES
DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE E RESPONSABILIDADE AUTORAL
Os autores declaram que o manuscrito é original, não foi publicado formalmente em periódico, livro, capítulo ou anais e foi submetido à Revista Entre Saberes com ciência e concordância de todos os autores. A responsabilidade pelo conteúdo, dados, análises, argumentos, imagens, referências e declarações apresentadas é integralmente dos autores.
CONFLITO DE INTERESSES
Não se aplica.
ÉTICA EM PESQUISA
Não se aplica.
DISPONIBILIDADE DE DADOS
Não se aplica.
APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.
FINANCIAMENTO
Não se aplica.
CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM
Não se aplica.
USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
Não se aplica.
MATERIAIS SUPLEMENTARES
Não se aplica.
LICENÇA
Este manuscrito será disponibilizado em acesso aberto, sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional — CC BY 4.0.
CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES/CREDIT
Jaime Soares Seivald – Criação, Sistematização e Revisão. Ewerton da Silva Ferreira - Sistematização e Revisão.
HISTÓRICO
Submetido: 10/06/2026 | Aprovado: 30/06/2026 | Publicado: 31/07/2026
COMO CITAR ESSE TEXTO
SEIVALD, Jaime Soares; FERREIRA, Ewerton da Silva. Criação de conceitos e condições sócio-históricas do saber: uma articulação entre Foucault, Deleuze, Guattari e a oficina de conceitos de Silvio Gallo. **Revista Entre Saberes**, Curitiba, v. 1, n. 1, 2026. DOI: https://doi.org/10.56579/r2v3vh87. Disponível em: https://revistas.luminascholar.org/entresaberes/pt_BR/article/view/131. Acesso em: 6 nov. 2026.
EDITOR RESPONSÁVEL
Nome completo: Maurício Aires Vieira Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0737-9941